

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

Willames de Santana Santos¹

Lídia Baumgarten²

Resumo: O artigo “Ensinar História em tempos de desencanto” reflete sobre os desafios e potencialidades do ensino de História em escolas públicas alagoanas, marcadas por contextos de violência, precariedade e exclusão. Reivindica uma prática pedagógica crítica, investigativa e transformadora, capaz de desenvolver a consciência histórica e a emancipação dos estudantes. Tem como conceitos básicos, a Consciência e Cultura Histórica de Rüsen (1992; 2016). Relata experiências do Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida (G.PHILSA), que integra arte, ciência e História em ações como exposições museológicas, concursos de desenho e a Revista Digital Documento Histórico. Essas práticas estimulam o protagonismo estudantil, a valorização da cultura local e a produção de ciência na escola, revelando que ensinar História é um ato de coragem, resistência e esperança em meio ao desencanto.

Palavras-chave: Consciência Histórica; Cultura Histórica; Escolas públicas; G. PHILSA; Protagonismo Estudantil.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Cultura Afro-Brasileira na Educação e Especialista em História da Arte na Faculdades Unificadas de Foz do Iguaçu, UNIFOZ, Brasil. Professor de História da Rede Estadual de Educação de Alagoas. Fundador do Grupo de Pesquisa História e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida. Editor-Chefe da Revista Digital Documento Histórico. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0971257219535765>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1964-6737>. E-mail: willames.santos@professor.educ.al.gov.br.

² Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Docente Adjunta da Universidade Federal de Alagoas – UFAL -, e do Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. Coordena o Laboratório de Pesquisas e Práticas em Educação Histórica – LAPPEHis. Membro da Associação Iberoamericana de Educação Histórica. Pesquisadora da Educação Histórica e temas como Ensino de História e Formação de Professores. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7312808913197579>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3760-5444>. E-mail: lidiabaumgarten68@gmail.com.

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA:
CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

**TEACHING HISTORY IN TIMES OF DISENCHANTMENT THROUGH RESEARCH:
COURAGE, RESISTENCE, AND HOPE IN HOPE STATE NETWORK OF ALAGOAS**

Abstract: The article "Teaching History in Times of Disenchantment" reflects on the challenges and potentialities of teaching History in public schools in Alagoas, characterized by contexts of violence, precariousness, and exclusion. It advocates for a critical, investigative, and transformative pedagogical practice, capable of developing historical consciousness and the emancipation of students. Its basic concepts are Historical Consciousness and Culture, according to Rüsen (1992; 2016). It reports experiences from the Luiz Sávio de Almeida Historical and Interdisciplinary Research Group (G.PHILSA), which integrates art, science, and History in activities such as museum exhibitions, drawing contests, and the Digital Journal Documento Histórico. These practices stimulate student protagonism, the appreciation of local culture, and the production of knowledge in schools, revealing that teaching History is an act of courage, resistance, and hope amid disenchantment.

Keywords: Historical Consciousness; Historical Culture; Public Schools; G. PHILSA; Student Protagonism.

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

Introdução¹

O presente artigo propõe algumas reflexões acerca dos desafios do ser professor na rede pública de Maceió/Alagoas, articulando com propostas pedagógicas que busquem proporcionar a construção de uma Consciência Histórica crítico-genética. Vivemos numa sociedade em que a violência física, psicológica e moral tem se tornado regra; ensinar passou a ser um ato de profunda coragem. Para o professor, seja da rede pública ou privada, pisar no chão da escola é enfrentar um ambiente marcado por intensa hostilidade. Essa realidade se revela tanto na crueldade social expressa por parte dos estudantes, que reproduzem comportamentos de banalização da dignidade das pessoas, quanto no descaso dos poderes governamentais diante das necessidades estruturais e humanas que permeiam o cotidiano escolar. Nesse cenário adverso, cabe uma pergunta fundamental: qual é o lugar do ensino de História em meio ao caos social e institucional que marca a escola brasileira?

Nesse sentido, os conceitos de Jörn Rüsen (1992; 2016), Consciência e Cultura Histórica são essenciais no presente trabalho. Já não cabe mais conceber o ensino de História como mera transmissão de datas, fatos grandiosos isolados, ou biografias de grandes personagens. Essa abordagem tradicional cede lugar, cada vez mais, a uma prática pedagógica crítica, investigativa e significativa.² Ensinar História, hoje, é formar sujeitos capazes de problematizar o passado, interpretar o presente e projetar futuros possíveis. É construir com os estudantes um olhar atento às permanências, rupturas e contradições da sociedade, tornando a sala de aula um espaço de questionamento, reflexão e ação. Em vez de decorar o que foi o passado, o ensino de História convida a compreendê-lo à luz do presente e refletir para que se ensina e aprende História.

Trata-se, como propõe Jörn Rüsen³ em seus estudos sobre teoria da História e educação histórica, de desenvolver a consciência histórica. Isto é, a capacidade de dar sentido ao tempo, articular passado, presente e futuro, e agir de maneira crítica e responsável no mundo.

O conceito de Consciência Histórica em Jörn Rüsen (1992) fundamenta a aprendizagem histórica ao articular diferentes fontes e orientar a formação docente. O autor distingue quatro tipos: o tradicional, que preserva continuidades do passado; o exemplar, que utiliza experiências históricas como modelos normativos; o crítico, que nega padrões herdados; e o genético, que integra múltiplas perspectivas e reconhece a historicidade e transformação da vida social. Nesse processo, os sujeitos atribuem sentido às suas experiências no tempo.

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

Rüsen considera a consciência histórico crítico-genética como ideal, por possibilitar orientação crítica da ação e abertura ao novo em um contexto de diálogo e mudança. Contudo, destaca que os quatro tipos coexistem de forma inter-relacionada, todos atravessados por valores morais que orientam a prática social. Assim, mesmo as formas, tradicional e exemplar influenciam o presente; já a consciência crítico-genética amplia a capacidade dos sujeitos de questionar estruturas autoritárias e adotar perspectivas plurais, favorecendo processos de transformação social.

Numa mesma perspectiva, Barca salienta que,

Ter ‘consciência histórica’ não implica a adoção, por todos, de uma única narrativa substantiva. As abordagens teóricas, fruto de diversas perspectivas, estão abertas a discussão, tal como as produções históricas concretas permanecem sujeitas a desconfirmação. É a argumentação racional e o respeito pela evidência que ajudarão a decidir entre respostas mais ou menos válidas às questões sobre o passado tal como às questões sobre o presente e, eventualmente, à construção de cenários sobre o futuro. (Barca, 2007, p. 117).

Para Schmidt (2006), a consciência histórica constitui um elemento fundamental na formação de professores, pois orienta a forma como os sujeitos compreendem o tempo, articulando passado, presente e futuro na construção de sentidos para a realidade.

Acerca do conceito de Cultura Histórica, Rüsen, (2016, p. 64) afirma que, “a cultura histórica é, portanto, a memória histórica (exercida na e pela consciência histórica), que dá ao sujeito uma orientação temporal em sua práxis vital, ao mesmo tempo em que oferece uma direcionalidade para a ação e uma auto-compreensão de si mesmo”.

Portanto, o ensino de História deve provocar a transformação de uma cultura histórica cristalizada em narrativas excludentes e passivas, ou conforme ressalta Carretero (2014), narrativas mestras, por uma cultura que permeia a consciência histórica crítico-genética, capaz de interpretar criticamente o passado, compreender o presente e orientar a ação para a construção de futuros mais justos e inclusivos.

Sobre a narrativa histórica, Gago afirma que,

[...] é uma forma de pensamento que faz a síntese dos elementos subjetivos e objetivos da compreensão articulada das três dimensões temporais. A consciência histórica constrói o seu conteúdo, conjugando o passado com sentido e significado para o presente e o futuro, como “história” na forma de narrativa (Gago, 2015, p. 26).

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

Ensinar História, nesta perspectiva, exige o uso de ferramentas didático-metodológicas que revelem aos estudantes a relevância social do conhecimento histórico como instrumento de inconformidade e emancipação. É acreditar na possibilidade de romper com uma cultura marcada pela hostilidade, pela alienação e pelo desencanto, para instaurar uma cultura de descontentamento consciente, ou *crítico-genética*, aquela que interroga o presente através do passado e vislumbra outras formas de existência. É elencar as raízes e causas das estruturas sociais, econômicas e políticas, apontando caminhos para que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos capazes de intervir na realidade. Diante desse desafio, impõe-se a pergunta essencial: que práticas e abordagens pedagógicas podem, de fato, formar essa consciência crítica e transformar a História em ferramenta de resistência e ação?

O ensino de História está longe de ser uma receita de bolo replicável em qualquer contexto, por qualquer pessoa. Não há fórmula mágica nem método universal que se aplique igualmente a todas as turmas, escolas ou realidades. Presumir isso seria ignorar a complexidade da sala de aula e desconsiderar as múltiplas vozes, histórias e vivências que ali se entrecruzam. Se vivemos uma realidade social marcada pelo desencanto, é justamente porque ainda insistimos em fórmulas engessadas e distantes da vida real, o que reforça a urgência do pensamento pedagógico, da pesquisa e da constante reinvenção. Ensinar História, hoje, é um ato de coragem e generosidade: exige escuta atenta, sensibilidade às diferenças, e disposição para recomeçar todos os dias. É olhar para cada estudante não como número, mas como sujeito histórico em potencial. Conforme Paulo Freire (2011, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” E, mesmo diante de contextos desafiadores, é acreditar que alcançar dois ou três estudantes em uma sala de aula já é um ato de resistência e o início de uma transformação que pode, sim, mudar o mundo.

Entre a carência e a coragem: a experiência docente em Maceió

Com base nessa perspectiva crítica e transformadora do ensino de História, compartilho experiências da minha prática docente na Rede Estadual de Educação de Alagoas, especialmente na Escola Estadual Professora Guiomar de Almeida Peixoto, um espaço em que teoria e realidade se cruzam diariamente em desafios concretos e aprendizagens recíprocas. Antes de adentrar nessas experiências, é necessário contextualizar brevemente a unidade escolar e a

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

comunidade que as compõem. Trata-se de uma escola profundamente marcada pela carência estrutural e social, com condições materiais precárias e um ambiente insalubre: lidamos com a constante falta de água, presença de fezes de pombos em paredes e forros, calor escaldante nas salas, ausência de livros didáticos, computadores, projetores, laboratórios e espaços de pesquisa. A isso se soma a queixa mais recorrente dos estudantes: a precariedade das refeições oferecidas, ou melhor, dos chamados 'lanches'. Afinal, “biscoito seco com suco artificial está longe de ser digno de se chamar refeição escolar.”

Quanto ao quadro de estudantes, por sua vez, são sujeitos historicamente marginalizados, imersos em realidades atravessadas por violência doméstica, tráfico de drogas e negligências afetivas e morais. São carentes não apenas de condições materiais de vida, mas de cuidado, atenção e objetivos auspiciosos. Muitos chegam à escola sem mochilas, sem calçados, sem material escolar e, frequentemente, com fome. Diante desse cenário, surgem perguntas que nos atravessam enquanto professores todos os dias: como capturar a atenção de jovens que já perderam a esperança na escola? Como convencê-los de que a educação pode ser uma ferramenta real de transformação? E, ainda, enquanto professor, como manter-se firme diante do desrespeito, da indiferença, e do medo de lidar com vidas que, por tantas violências acumuladas, já não reconhecem, em alguns casos, nem o próprio valor? Não somos heróis, mas, em meio a esse cenário tão hostil, o simples ato de tentar ensinar torna-se um gesto de coragem e resistência. E isso, por si só, já nos faz gigantes.

São muitas as perguntas e poucas as certezas. Mas, não estamos aqui para oferecer verdades prontas, estamos aqui para provocar, questionar, socializar práticas educativas exitosas e, na medida do possível, construir respostas coletivas que gerem mudanças concretas na realidade em que vivemos, tanto para professores quanto para os estudantes.

O Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida: quando a pesquisa transforma a escola

Fundado no dia 13 de junho de 2022 com o objetivo de pesquisar, coletar e publicar documentos históricos inéditos acerca de surtos epidêmicos de doenças contagiosas na Província das Alagoas do século XIX, o *Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida* (G.PHILSA)⁴ surgiu como uma alternativa didática para promover o protagonismo

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

estudantil e o conhecimento histórico a partir do gosto pela pesquisa científica.⁵

Figura 1. Insígnia do coletivo



Fonte: Arquivo G.PHILSA

Gerido pela tríade de professores, Willames de Santana Santos, Juliana Ferreira dos Santos e Luciana Luz Ferreira, o grupo conta atualmente com 11 (onze) estudantes pesquisadores do Ensino Fundamental e do Língua Portuguesa Médio Integral. As ações e projetos promovem o envolvimento ativo de toda a comunidade escolar, gerando impactos positivos na vida dos estudantes. Como se trata de um projeto cíclico e contínuo, essas atividades se articulam ao longo do ano e são sistematizadas anualmente no dossiê da *Revista Digital DOCUMENTO HISTÓRICO*.⁶

A Revista Digital Documento Histórico: Ciência feita na Escola

Idealizada para ser o veículo de difusão dos projetos de iniciação científica, exposições museológicas e ações socioeducativas, o periódico se consolidou como um importante meio de divulgação das práticas pedagógicas transformadoras desenvolvidas ao longo do ano letivo pelo G.PHILSA. A *Revista Digital DOCUMENTO HISTÓRICO* tornou-se um espaço de valorização da produção científica produzida nas escolas públicas da rede estadual de Alagoas, pois, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Freire, 2011, p. 29), integrando arte, História e educação em uma proposta editorial que reconhece o estudante como sujeito ativo da pesquisa e do conhecimento. Sua identidade visual é renovada anualmente por meio de um concurso de desenho entre os estudantes da rede pública, que define a capa de cada edição e simboliza a participação ativa e criativa dos jovens na construção da ciência escolar.⁷

Em suas duas primeiras edições apresentamos os dossiês: “**Febre Amarela, Cemitérios Públicos de Maceió e Projetos Educativos**”⁸ (edição janeiro de 2023), em que exploramos a História Local da lenda urbana “*Carolina, a mulher da capa preta*” e a construção dos Cemitérios Públicos em Alagoas como medida de saúde pública para surtos epidêmicos de

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

doenças. Na edição de janeiro de 2024 sociabilizamos o dossiê “**Moedas Sociais Alagoanas, Tributos a Luiz Sávio de Almeida e Educação Especial e Inclusiva**”⁹ – com uma breve homenagem à professora e Diretora Guiomar de Almeida Peixoto, um artigo científico Moedas Sociais Alagoanas,¹⁰ uma Feira do Livro Estudantil, entre outras ações educativas.^{VI}

Figura 2. Capas da 1.^a e 2.^a edições da Revista Digital Documento Histórico



Fonte: Jornal CAMPUS / O DIA - Alagoas¹¹

Ao final de cada ciclo letivo, a publicação da **Revista Digital DOCUMENTO HISTÓRICO** cumpre o papel de divulgar o conhecimento produzido nas escolas, evidenciando os efeitos positivos das atividades de pesquisa na formação dos estudantes. Os resultados são concretos: maior engajamento dos estudantes, valorização dos saberes locais, fortalecimento da autoestima e ampliação do protagonismo juvenil. Mais do que registrar ações pedagógicas, a revista se consolida como um legado educacional, capaz de inspirar comunidades escolares a acreditarem na potência transformadora da educação pública.

História e Arte no cotidiano Escolar: os Concursos de Desenhos

Contabilizando três edições, os Concursos de Desenho, além de escolherem a capa para cada edição da **Revista Digital DOCUMENTO HISTÓRICO**, estimulam habilidades artísticas em estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da Rede Estadual, fomentam

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

experiências artísticas nas Unidades de Ensino envolvidas, promovem uma competição saudável entre os estudantes artistas e, sobretudo, estimulam sagazmente a valorização da História e cultura local.

Como prática pedagógica contínua, os concursos de desenho vêm se consolidando como ferramentas potentes de articulação entre arte, História e educação. Ao promoverem a expressão visual de saberes e vivências, essas iniciativas possibilitam que os estudantes desenvolvam o senso crítico, a sensibilidade estética e o respeito à diversidade cultural. Mais do que selecionar capas para publicações, os concursos operam como experiências formativas que ressignificam o fazer artístico na escola, fortalecem vínculos com a memória coletiva e posicionam os estudantes como agentes criadores de cultura. Ao integrar diferentes linguagens e olhares sobre o patrimônio local, a iniciativa amplia os horizontes da prática docente e contribui para a construção de um ambiente escolar mais sensível, democrático e culturalmente engajado.

Na última competição ocorrida em março de 2024, o G.PHILSA escolheu o tema **“MUSEUS MACEIOENSES: História, Memória, Patrimônio e Educação”**¹², alcançando várias unidades escolares do Estado de Alagoas e saindo dos muros das escolas. Com participação oficial das Escolas Estaduais Doutor José Maria Correia das Neves, Prof.^a Gilvana Ataíde Cavalcante Cabral, Prof.^a Guiomar de Almeida Peixoto e Dom Constantino Lours (Campo Alegre) – o concurso objetivou promover uma experiência histórico-crítica às comunidades escolares respectivas a respeito das instituições e espaços de salvaguarda da memória e cultura maceioenses em seus pontos de vista histórico, estético e político.

Exposições G.PHILSA: a Escola vai ao Museu e o Museu vai à Escola

O resultado do concurso foi a criação da exposição museológica itinerante **“Museus Maceioenses: História, Memória, Patrimônio e Educação”**¹³ no Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas¹⁴ com desenhos e maquetes das escolas participantes. A mostra contou com 48 desenhos e 15 maquetes tendo como prioridade o uso de materiais recicláveis como papelão, papel, isopor reutilizado, palitos de churrasco e picolé, madeira de feira, bijuterias, esponjas, canudos dentre outros tanto para as obras quanto para os totens de suporte para as maquetes.

O projeto participou da **22.^a Semana Nacional dos Museus** cujo tema foi: “Museus, Educação e Pesquisa”. A exposição também foi selecionada para compor o acervo digital do 8.º

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

Fórum Nacional de Museus, com data de exibição marcada para 24 de julho de 2024, ampliando sua visibilidade e reconhecimento em nível nacional.

A partir de então, o G.PHILSA empreendeu uma série de exposições museológicas que merecem menção: **“A LUZ QUE GUIA: A Arte Como Pretexto Para Lutar Por Uma Escola Antirracista”**¹⁵, uma exposição itinerante que representa a brasilidade, a mistura das raças, a amálgama religiosa entre a diáspora africana, crenças dos povos originários e a cristandade católica na América. É quase a festa do *“Brasil Mestiço, Santuário da Fé”*.¹⁶

Figura 3. Artigo “A LUZ QUE GUIA”, um resumo da exposição museológica e sua função social



Fonte: Jornal CAMPUS / O DIA - Alagoas¹⁷

Também merece menção aqui a exposição **“A ARTE E OS CINCO SENTIDOS: Uma Ferramenta de Protagonismo e Inclusão”**¹⁸. O projeto desenvolveu as funções cognitivas apresentadas em documentos oficiais da **Rede Estadual de Educação Especial de Alagoas** que estão no “Dossiê”, abrangendo suas funções: *percepção, atenção, memória, linguagem, raciocínio lógico, função motora e função pessoal/social*; todas elas podendo ser desenvolvidas na prática da arte. A ação educativa participou da **Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla** com o tema: **“Nossa História: quem somos e o que fazemos”** e da **18.ª Primavera dos Museus** com o tema: **“Museus, Acessibilidade e Inclusão”**.

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

Figura 4. Abertura da exposição “A Arte e os Cinco Sentidos” na Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos



Fonte: Ascom Secult¹⁹

Saberes conectados: Interdisciplinaridade como caminho de resistência

O *Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida* (G.PHILSA) se fundamenta em uma abordagem pedagógica que articula diversas áreas do conhecimento, como História, Arte, Biologia, Letras e Educação Especial, com o objetivo de promover o protagonismo estudantil no contexto do Novo Ensino Médio das escolas públicas de Alagoas.

A partir da premissa de que o ensino deve operar em uma rede integrada de saberes, o grupo desenvolve projetos que estimulam o pensamento crítico e criativo dos estudantes, conectando teoria e prática em experiências significativas. A Biologia, por exemplo, é incorporada por meio de pesquisas sobre espécies invasoras, como o *Achatina fulica* (caramujo africano), que relacionam ciência e questões ambientais locais.

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

Figura 5. Pesquisa Científica “A presença do Caramujo *Achatina Fulica* em Maceió”



Fonte: Jornal CAMPUS / O DIA – Alagoas²⁰

A inserção de práticas de iniciação científica nas escolas públicas, especialmente em ambientes com estudantes em situação de vulnerabilidade social, tem um papel transformador. Ao engajar os estudantes em projetos que envolvem a coleta de dados históricos e a análise crítica de fenômenos sociais e culturais, como o impacto de surtos epidêmicos na História local ou a criação de moedas sociais, o projeto não só aproxima os estudantes de suas realidades, mas também cria um espaço de valorização do conhecimento científico. Esse processo é facilitado pela atuação dos professores mentores, que incentivam a curiosidade investigativa e a construção de narrativas históricas próprias.

Expansão e Reprodutibilidade: Um Modelo Replicável de Educação Transformadora

A experiência do *Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida* (G.PHILSA) demonstra que é possível articular, em ambiente escolar, História, ciência e arte em práticas pedagógicas significativas, mesmo em contextos marcados por vulnerabilidade social e carência estrutural.

O modelo de atuação desenvolvido pelo grupo apresenta potencial de replicabilidade em diferentes espaços e realidades educacionais do país, especialmente por sua capacidade de

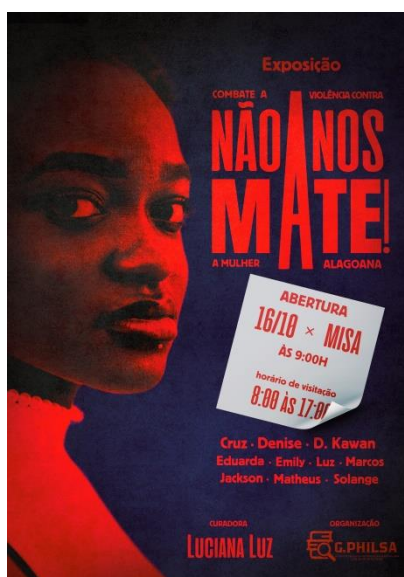
ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

abordar temas sensíveis e urgentes da sociedade contemporânea, como a violência contra a mulher, o racismo, a exclusão social e as desigualdades educacionais.

A publicação anual da *Revista Digital DOCUMENTO HISTÓRICO*, os Concursos de Desenho e as exposições museológicas promovem o acesso dos estudantes à linguagem acadêmica e científica, ao mesmo tempo em que preservam sua subjetividade e expressividade. Essas ações consolidam a escola como um espaço pulsante de Cultura Pesquisadora, em que o conhecimento é produzido a partir das vivências, dores, sonhos e saberes dos próprios estudantes.

Figura 6. Cartaz da exposição “Não Nos Mate! A Violência Contra a Mulher Alagoana” no Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA)²¹



Fonte: Acervo G.PHILSA

Ao integrar essas temáticas ao cotidiano escolar por meio de pesquisas, exposições, debates e produções artísticas, o *Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida* (G.PHILSA) contribui para a formação de estudantes críticos, empáticos e socialmente engajados, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem.

Seu caráter interdisciplinar, ancorado na valorização do conhecimento local e na centralidade do protagonismo estudantil, oferece um referencial teórico e metodológico capaz de inspirar outras escolas da Educação Básica. Por meio da criação de grupos de pesquisas, concursos de desenhos, exposições e publicações digitais, é possível integrar o currículo às

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

demandas reais dos estudantes, promovendo aprendizagens contextualizadas, críticas e emancipadoras e estudantes com uma consciência crítico-genética (Rüsen, 1992).

Figura 7. Claudinete, Minidocumentário sobre a Violência Contra a Mulher²²



Fonte: Acervo G.PHILSA

Ademais, a estrutura colaborativa do *Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida* (G.PHILSA) permite que suas ações dialoguem diretamente com os componentes do Novo Ensino Médio, como *Projeto de Vida* e *Projetos Integradores*, conectando a rotina da sala de aula com experiências investigativas que instigam a autoria, o pertencimento e a construção de sentido.

A experiência do G.PHILSA nos permite afirmar que o futuro da educação no Brasil depende, em larga medida, da valorização da Educação Básica como espaço legítimo de produção de conhecimento. Iniciativas como esta não apenas comprovam a potência da escola pública, mas também abrem caminhos para uma cultura de pesquisa enraizada no cotidiano escolar e conectada com os desafios da sociedade contemporânea.

Impactos Formativos: Saberes Históricos, Científicos e Sensíveis em Construção

A principal marca do *Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida* (G.PHILSA) é a centralidade do estudante como sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem. Os estudantes participam ativamente de todas as etapas dos projetos: da escolha dos temas à curadoria das exposições; da escrita de artigos à organização de aulas de campo.

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

Esse protagonismo não é meramente simbólico, mas real e transformador, pois respeita as trajetórias individuais, reconhece diferentes ritmos de aprendizagem e valoriza os múltiplos talentos existentes no espaço escolar, tornando-se lugares de pedagogia (Anderson, 2017).

As práticas pedagógicas desenvolvidas pelo G.PHILSA têm produzido efeitos profundos no desenvolvimento dos estudantes, tanto em termos de conhecimento por meio da pesquisa quanto em aspectos subjetivos e sociais. O projeto fomenta competências investigativas, comunicativas e analíticas, alinhadas à produção científica no ensino básico, ao mesmo tempo em que mobiliza saberes ligados à economia criativa, à arte e à valorização da cultura local.

Exemplo disso é a trajetória da estudante-artista Emilly Santos, que, ao engajar na produção da exposição “A Luz que Guia”, teve cinco de suas obras vendidas durante a mostra no *Centro Cultural Arte Pajuçara*, espaço de referência para as artes visuais em Maceió. O talento de Emilly despertou o interesse de empreendedores da marca alagoana *Camilete*, que propôs utilizar suas ilustrações em coleções de vestuário, uma conexão potente entre arte, moda e juventude periférica.

Essa experiência ilustra como o ambiente escolar pode se tornar um espaço de incubação de talentos, em que a valorização do estudante vai além da nota e do desempenho escolar, alcançando dimensões de reconhecimento artístico, cultural e profissional. As parcerias com museus, escolas, bibliotecas e centros culturais ampliam a visibilidade das produções estudantis e conectam a escola ao território.

Considerações finais: a Escola como Lugar de Coragem e Transformação Social

Diante de um cenário social marcado pela descrença, pela precarização da educação e pelo enfraquecimento das políticas públicas, o projeto desenvolvido na Escola Estadual Prof.^a Guiomar de Almeida Peixoto, por meio do *Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida* (G.PHILSA), se afirma como um potente ato de resistência e reinvenção da escola pública. Ao integrar arte, ciência e História, e ao transformar estudantes em protagonistas da pesquisa e da produção cultural, o grupo rompe com a lógica da reprodução passiva do conhecimento e inaugura um novo paradigma educativo: aquele que valoriza a escuta, a diversidade, a investigação e o pertencimento.

Os impactos são visíveis e significativos: estudantes que antes não se viam como sujeitos

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

históricos passam a escrever sua própria História; jovens antes silenciados por contextos de exclusão encontram na escola um espaço legítimo de expressão, acolhimento e realização; professores deixam de ser meros transmissores para se tornarem mediadores de processos formativos mais humanos e libertadores.

Em tempos de desencanto, a esperança se reconstrói nos pequenos gestos, no lápis que desenha, no olhar que enxerga, no texto que denuncia e transforma. O ensino de História, nesse contexto, reafirma sua potência ao permitir que estudantes e educadores compreendam o presente com profundidade, questionem as estruturas de opressão e vislumbrem futuros mais justos. Que esse projeto, nascido do chão seco de uma escola periférica de Maceió, siga germinando em outros territórios, provando que, sim, a escola pública pode e deve fazer ciência. E que ensinar, nesse Brasil de tantas feridas, é ainda um dos atos mais profundos de coragem e resistência.

Notas:

¹ Este artigo resulta de reflexões e práticas desenvolvidas no âmbito do *Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida* (G.PHILSA), em parceria com instituições culturais como o *Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas* (IHGAL), o *Museu da Imagem e do Som de Alagoas* (MISA), a *Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos*, o *Centro Cultural Arte Pajuçara* e o jornal *Campus O Dia - Alagoas*. As ações aqui descritas refletem o engajamento de professores comprometidos em promover mudanças significativas no modo de fazer educação e ensinar História, transformando a sala de aula em um espaço de reflexão crítica e protagonismo estudantil.

² BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

³ RÜSEN, J. Cultura histórica: uma delimitação conceitual. Tradução: Estevão Rezende Martins. In: *Cultura Histórica, Formação e Identidade. Sobre os fundamentos da Didática da História*. Curitiba: WAS Edições, 2022.

⁴ Fundado inicialmente como Grupo de Pesquisa Histórica GAP — sigla que faz referência à Escola Estadual Professora Guiomar de Almeida Peixoto, onde o grupo foi criado —, o coletivo foi posteriormente remodelado para Grupo de Pesquisa Histórica Luiz Sávio de Almeida, em homenagem ao professor e historiador alagoano, que se tornou patrono do grupo em 27 de junho de 2022. Em fevereiro de 2023, com a inclusão de professoras mentoras das áreas de Letras e Ciências Biológicas, o grupo incorporou a interdisciplinaridade e atualizou sua sigla para Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida (G.PHILSA).

⁵ Acompanhe o trabalho do G.PHILSA através do site através do link: <https://grupodepesquisaluizsaviodealmeida.netlify.app/>. Acesso em 26/05/2025.

⁶ Baixe ou leia as 1.^a e 2.^a edições da Revista Digital **DOCUMENTO HISTÓRICO** em nosso site: <https://grupodepesquisaluizsaviodealmeida.netlify.app/>. Acesso em 26/05/2025.

⁷ Manuella Nobre / Ascom Seduc. **Escolas da Rede Estadual promovem concurso de desenho sobre museus maceioenses**. Disponível em: <https://alagoas.al.gov.br/noticia/escolas-da-rede-estadual-promovem-concurso-de-desenho-sobre-museus-maceioenses>. Acesso em 26/05/2025.

⁸ **Revista Documento Histórico**. Dossiê: *Febre Amarela, Cemitérios Públicos de Maceió e Projetos Educativos*. 1.^a ed., janeiro de 2023. ISBN 978-65-00-73298.

⁹ **Revista Documento Histórico**. Dossiê: *Moedas Sociais Alagoanas, Tributos a Luiz Sávio de Almeida e Educação Especial e Inclusiva*. 2.^a ed., janeiro de 2024. ISBN 978-65-00-91334-7.

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA: CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

¹⁰ Luz Ferreira, L., Ferreira dos Santos, J., & de Santana Santos, W. (2025). Moedas sociais alagoanas: Terra, Bertholet, Sururute, Caatinga e ÉD.G. *Boletim Historiar*, 12(01). Recuperado de <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/23323>.

¹¹ Santos, W. S.; Santos, J. F.; Ferreira, L. L. A pesquisa científica no ensino básico de Alagoas: o Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida. *O Dia Alagoas – Via Campus*, v. 557, p. 1-4, 22 out. 2023. Disponível em: <http://www.jornalodia-al.com.br>. Santos, W. S.; Santos, J. F.; Ferreira, L. L. Revista Digital Documento Histórico dossiê: tributos a Luiz Sávio de Almeida, moedas sociais alagoanas, educação especial e inclusiva & projetos educativos. *O Dia Alagoas – Via Campus*, v. 577, p. 1-4, 30 jan. 2024. Disponível em: <https://grupodepesquisaluizsav>. 26/05/2025.

¹² Enio Lins. **Mais um belo exemplo a ser destacado e multiplicado**. Disponível em: <https://eniolins.com.br/blogs/2024/05/04/627-mais-um-belo-exemplo-a-ser-destacado-e-multiplicado>. Acesso em 26/05/2025.

¹³ A exposição foi adaptada e exposta no Museu da Imagem e do Som de Alagoas em julho de 2024. João Brito / Ascom Secult. **Misa recebe exposição “Museus Maceioenses: História, Memória, Patrimônio e Educação”**. Disponível em: <https://museus.al.gov.br/noticia/26-mais-noticias/364-misa-recebe-exposicao-museus-maceioenses-historia-memoria-patrimonio-e-educacao>. Acesso em 26/05/2025.

¹⁴ Assista ao vídeo publicado no instagram oficial do IHGAL: <https://www.instagram.com/p/C6gkhHWLYSc/>. Acesso em 26/05/2025.

¹⁵ Daniel Borges / Ascom Secult. **Exposição na Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos celebra a arte como instrumento antirracista**. Disponível em: <https://secult.al.gov.br/noticia/1953-exposicao-na-biblioteca-publica-estadual-graciliano-ramos-celebra-a-arte-como-instrumento-antirracista>). Acesso em 26/05/2025.

¹⁶ SANTOS, W. S.; SANTOS, J. F.; FERREIRA, L. L. . Cores e fé: a luz que guia, um instrumento antirracista. In: 15º Encontro Nacional de História da UFAL: História presente, futuro ancestral: Povos indígenas em retomada, 2024, MACEIÓ. Anais do 15º Encontro Nacional de História da UFAL: História presente, futuro ancestral: Povos indígenas em retomada, Maceió, AL, 08 a 10 de outubro de 2024. MACEIÓ: Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Curso de História, 2024. v. 01. p. 392-408.

¹⁷ Santos, W. S.; Ferreira, L. L.; Santos, J. F. A luz que guia: a arte como pretexto para lutar por uma escola antirracista. *O Dia Alagoas – Via Campus*, Jornal O Dia Alagoas, p. 1-4, 25 ago. 2024.

¹⁸ Daniel Borges / Ascom Secult. **Biblioteca Pública Estadual recebe a exposição “A Arte e os Cinco Sentidos: Uma Ferramenta de Protagonismo e Inclusão”**. Disponível em: <https://alagoas.al.gov.br/noticia/biblioteca-publica-estadual-recebe-a-exposicao-a-arte-e-os-cinco-sentidos-uma-ferramenta-de-protagonismo-e-inclusao>). Acesso em 26/05/2025.

¹⁹ Abertura da exposição "A Arte E Os Cinco Sentidos: Uma Ferramenta de Protagonismo e Inclusão". Disponível em: SECULT - ABERTURA DA EXPOSIÇÃO "A ARTE E OS CINCO SENTIDOS: UMA FERRAMENTA DE PROTAGONISMO E INCLUSÃO". Acesso em 26/05/2025.

²⁰ Santos, J. F.; Santos, W. S.; Ferreira, L. L. Os impactos negativos da espécie *Achatina fulica* nos ecossistemas e na área urbana de Maceió. *O Dia Alagoas – Via Campus*, Jornal O Dia, p. 1-4, 06 out. 2024.

²¹ Anderson Silva/Ascom Secult. **Matéria “Exposição “Não nos mate” chega ao Museu da Imagem e do Som nesta quarta-feira (16)”**. Disponível em: <https://alagoas.al.gov.br/noticia/exposicao-nao-nos-mate-chega-ao-museu-da-imagem-e-do-som-nesta-quarta-feira-16>. Acesso em 26/05/2025.

²² Filipe Norberto – Ascom/Esmalda. **Palestra sobre violência contra a mulher reúne estudantes no Cepa**. Disponível em: <https://www.tjal.jus.br/noticia/palestra-sobre-violencia-contra-a-mulher-reune-estudantes-no-cepa/visualizar>. Acesso em 26/05/2025.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Stephanie. The stories nations tell: Sites of pedagogy, historical consciousness, and national narratives. As Histórias que as Nações contam: lugares de pedagogia, consciência histórica e narrativas nacionais. Tradução livre por Max Lanio Martins Pina. *Canadian Journal of Education/Revue canadienne de l'éducation*, v. 40, n. 1, p. 1- 38, 2017.

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CARRETERO, Mario; VAN ALPHEN. Floor. **Do Master Narratives Change Among High School Students? A Characterization of How National History Is Represented**. As narrativas mestras mudam entre os alunos do ensino médio? Uma Caracterização de Como a História Nacional é Representada. Tradução livre por Lorena Marques Dagostin Buchtik. *Cognition and Instruction*, 32:3, p. 290-312, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 43ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERREIRA, L.; FERREIRA DOS SANTOS, J.; DE SANTANA SANTOS, W. Moedas sociais alagoanas: Terra, Bertholet, Sururute, Caatinga e ÉDGE. **Boletim Historiar**, v. 12, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/23323>. Acesso em: 26 maio 2025.

BARCA, I. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 1, p.115-126, Jan/Jun, Pelotas, 2007.

GAGO, M. **Consciência e Narrativa Histórica**: desafios educativos aos professores. v. 3, n. 2, p. 26-35, julho/dezembro, Ivoti, 2015.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

REVISTA DOCUMENTO HISTÓRICO. **Dossiê**: Febre Amarela, Cemitérios Públicos de Maceió e Projetos Educativos. 1.ed. Maceió: Revista Documento Histórico, jan. 2023. ISBN 978-65-00-73298.

REVISTA DOCUMENTO HISTÓRICO. **Dossiê**: Moedas Sociais Alagoanas, Tributos a Luiz Sávio de Almeida e Educação Especial e Inclusiva. 2. ed. Maceió: Revista Documento Histórico, jan. 2024. ISBN 978-65-00-91334-7.

SANTOS, W. S.; SANTOS, J. F.; FERREIRA, L. L. A pesquisa científica no ensino básico de Alagoas: o Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida. **O Dia Alagoas – Via Campus**, n. 557, p. 1-4, 22 out. 2023. Disponível em: <http://www.jornalodia-al.com.br>. Acesso em: 26 maio 2025.

SANTOS, W. S.; SANTOS, J. F.; FERREIRA, L. L. Revista Digital Documento Histórico dossiê: tributos a Luiz Sávio de Almeida, moedas sociais alagoanas, educação especial e inclusiva & projetos educativos. **O Dia Alagoas – Via Campus**, v. 577, p. 1-4, 30 jan. 2024. Disponível em: <https://grupodepesquisaluizsav>. Acesso em: 26 maio 2025.

ENSINAR HISTÓRIA EM TEMPOS DE DESENCANTO POR MEIO DA PESQUISA:
CORAGEM, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA NA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS

WILLAMES DE SANTANA SANTOS
LIDIA BAUMGARTEN

SANTOS, W. S.; FERREIRA, L. L.; SANTOS, J. F. A luz que guia: a arte como pretexto para lutar por uma escola antirracista. **O Dia Alagoas – Via Campus**, Jornal O Dia Alagoas, p. 1-4, 25 ago. 2024.

SANTOS, J. F.; SANTOS, W. S.; FERREIRA, L. L. Os impactos negativos da espécie *Achatina fulica* nos ecossistemas e na área urbana de Maceió. **O Dia Alagoas – Via Campus**, Jornal O Dia, p. 1-4, 06 out. 2024.

SANTOS, W. S.; SANTOS, J. F.; FERREIRA, L. L. Cores e fé: a luz que guia, um instrumento antirracista. In: **15º Encontro Nacional de História da UFAL: História presente, futuro ancestral: Povos indígenas em retomada**, 2024, Maceió. Anais... Maceió: Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Curso de História, 2024. v. 1, p. 392-408.

SCHMIDT, M. A. Consciência Histórica e Formação de Professores. **Educar em Revista**, n. 27, p. 33-48, 2006.

RÜSEN, Jörn. Cultura histórica: uma delimitação conceitual. Tradução de Estevão Rezende Martins. In: RÜSEN, Jörn. **Cultura histórica, formação e identidade: sobre os fundamentos da Didática da História**. Curitiba: Was Edições, 2022.

RÜSEN, Jörn. O que é a cultura histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão Rezende (org.). **Contribuições para uma teoria da Didática da História**. Curitiba: Was Editores, 2016.